
Relato

Maxidissidência Religiosa promovendo a Reciclagem Intraconscencial no Preparo para a Pré-Intermissão

Religious Maxidissidence Promoting Intraconscencial Recycling in Preparation for Pre-Intermissiology

Maxidissidencia Religiosa Promoviendo el Reciclaje Intraconscencial en el Preparo para la Pre-Intermision

Rosemary Sobrinho*

* Acadêmica de Psicologia. Bacharel em Química. Especialista em Ciências Ambientais. Voluntária do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC).

rose_sobrinho@hotmail.com

Texto recebido em: 17.02.2014.

Aprovado para publicação em: 09.05.2014.

INTRODUÇÃO

Contextualização. Nascida em família praticante de religião católica, desde cedo, fui direcionada ao exercício da religiosidade, ocorrendo mudança de credo para a religião Testemunhas de Jeová. As experiências religiosas possibilitaram interpretações contraditórias sobre questões da vida em um contexto de adolescente reprimida. Os pais não me permitiam sair muito, especialmente sozinha, e ter contato com outras realidades.

Reciclagem. Ao compreender que o exercício da religião limitava as minhas capacidades de raciocínio e, por estar saturada daquele holopense, efetuei mudanças pessoais as quais mais tarde entendi estarem inseridas no contexto da reciclagem intraconscencial (recin) e da reciclagem existencial (recéxis), um dos pilares da técnica da recéxis, e desliguei-me de vez das religiões, antes mesmo de conhecer a Conscienciologia. Estava intimamente interessada no autoconhecimento, nas repercussões claras relativas às mudanças da vida para melhor, ou seja, usar mais meus poderes de consciência automotivada para a evolução. Com isso, houve mudanças reais de postura, pensamento e padrão energético. “Não há recéxis substancial sem destruição do inútil” (VIEIRA, 2007, p. 26).

Objetivo. O objetivo deste trabalho é relatar autovivências da maxidissidência religiosa, a partir de reciclagem intraconscencial (recin) e o desenvolvimento de reciclagens existenciais (recéxis), através da mudança de hábitos estagnadores por hábitos construtivos, em processo de esforço para autoqualificação na Pré-Intermissiologia para estar gabaritada a enfrentar novos desafios após a dessoria.

Estrutura. O presente trabalho está estruturado em três seções:

I. Relato das vivências no âmbito religioso: apresenta a narração das in experiências da fase adolescente, fortalecidas pela pressão familiar e a imposição dos dogmas, contribuindo para o desconforto emocional e a restrição da lucidez.

II. Relato das vivências no âmbito conscienciológico: traz um breve histórico das autossuperações gradativas na fase transitória entre a religião e a Conscienciologia.

III. Conclusões relacionadas ao trinômio maxidissidência ideológica–reciclagens–liderança inter-assistencial: mostra as evidências do aprendizado proporcionado pela lição de vida, favorecendo o resgate de consciências parapsicóticas na próxima intermissão (hipótese).

I. RELATO DAS VIVÊNCIAS NO ÂMBITO RELIGIOSO

Catolicismo. A primeira religião da qual participei foi o catolicismo. Era a religião da família nuclear e tive participação nas etapas até a chamado crisma.

Sensação. A sensação era de “obrigação”. Não ia à missa por gosto, nem por vontade própria. Isto aconteceu desde a infância até os 17 anos de idade.

Testemunha. Ainda quando frequentava o catolicismo, aos 15 anos de idade, conheci outro credo religioso denominado Testemunhas de Jeová. Fui praticante dessa religião durante 13 anos seguidos, a partir dos 20 anos de idade.

Características. Fiquei alguns anos entre idas à igreja Católica e os chamados estudos bíblicos com um grupo de Testemunhas de Jeová. Eis algumas características pessoais daquele período: gostava quando iam me visitar semanalmente para os estudos bíblicos, gostava de contrariar meu pai, tinha a esperança de que meu pai parasse de beber.

Conforto. A permanência em dois credos cristãos, no período citado anteriormente, não trouxe o esperado conforto: tranquilidade, paz interior e respostas a questões pessoais. Queria conhecer outras pessoas e novos locais.

Argumento. Usando o argumento de que “iria para um local de práticas benéficas”, seria convincente para que meus pais permitissem minha ida àquele ambiente religioso.

Recéis. Após refletir a respeito dos relacionamentos afetivos insatisfatórios, recusei passar por novas agressões emocionais, e isto contribuiu para a reciclagem existencial: dediquei-me a conhecer outras pessoas.

Casamento. Nessa fase da vida, me casei com um rapaz não pertencente à congregação, o que me causou a sensação de estar sendo discriminada pelos companheiros religiosos.

Fatores. Além disso, dentre os ensinamentos da religião da qual eu participava, eis sete deles que não me atraíam, contribuindo para a decisão da dissidência promovida:

1. Mulher ser submissa ao homem (pai ou marido, desde que não confrontasse com a fé cristã). Nas reuniões mulheres não discursam. Quando eventualmente há necessidade, a mulher usa lenço na cabeça e não deve se destacar.
2. Não comemoração de data festiva. Antes, eu gostava de comemorar o ano novo e aniversários.
3. Contrários à transfusão de sangue.
4. Abstinência sexual para solteiros.

5. “Dissociação” dos não “arrepentidos” (quando alguém não voltava atrás em uma “transgressão”, nenhum dos membros poderia dirigir-se àquela pessoa “impura”, somente os anciãos, pois ela era considerada a “laranja podre do cesto”).

6. Havia incentivo constante para ler somente os livros e revistas publicados pela Sociedade Torre de Vigia, considerados seletivos, tal qual alimento mental adequado aos cristãos. Os assuntos das revistas eram relativamente os mesmos; a gramática muito bem colocada; utilizava-se de modo inteligente assuntos contemporâneos, atualizados. Eu não respeitava esta regra. Procurava leituras sobre assuntos diversos.

7. Incentivo a cursar, no máximo, o ensino médio.

Coragem. Quando, finalmente, senti coragem, desliguei-me e não fui mais aos encontros. As constantes proibições, o cansaço das incoerências, a falta de crescimento intelectual e atividades produtivas promoveram cansaço mental, faziam me sentir restringida.

Decisão. Foi uma das melhores decisões na atual vida. Não houve culpa nem medo após a escolha. Parecia estar em outra dimensão. Só não tinha o nome certo para a sensação. Para quem sabe boiar na praia, é tal sensação à qual me refiro.

Época. Naquela época, não conhecia a Conscienciologia.

II. RELATO DAS VIVÊNCIAS NO ÂMBITO CONSCIENCIOLÓGICO

IIPC. No final da década de 1990, tive a oportunidade de conhecer o Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC), três meses após o desligamento da religião.

Bienal. Primeiro contato foi na Bienal do livro no Riocentro, em 1999. Eu e meu marido fomos à primeira palestra na Universidade Veiga de Almeida, Tijuca, Rio de Janeiro e ao ouvir a expressão “reciclagem existencial” senti que poderia aumentar as possibilidades de mudanças reais da vida para melhor.

Palestras. Passamos três meses assistindo palestras em Ipanema, – Rio de Janeiro, aos sábados. Os assuntos abordados nas palestras não me pareciam novos. Entendia a maioria deles. A sistematização do conhecimento me agradou. Houve tamanha conexão energética que não sabia explicar.

Tenepes. Em uma das palestras, afinizei-me com o conceito da técnica da tenepes. Passei a exteriorizar energia para quem entendia precisar de ajuda. No entanto, depois que compreendi melhor essa prática interassistencial, repensei e preparei-me para realizá-la em futuro próximo.

Curso. Ainda em 1999, participamos do último curso Projeciologia (P1, P2, P3, P4) do ano, em Ipanema. Muitas das informações haviam sido vivenciadas por mim, inclusive a projeção semilúcida. No entanto, queria mais informações sobre a reciclagem existencial.

Crises. As crises vinham de acordo com o fôlego e o momento evolutivo. Percebi logo o interesse em voluntariar, mas não sabia como. A formação em Química me parecia incompatível com as atividades da instituição. Erroneamente, associava o trabalho voluntário ao exercício profissional.

Abordagem. Apesar da formação em Química, a abordagem conscienciológica fez-me repensar em realizar o curso de Psicologia, uma vez que possuía esse interesse em me formar nessa especialidade desde o final da adolescência; e, alguns temas apresentados em palestras eram-me familiares, mesmo trazendo certo impacto quanto a algumas posturas: compreendia muitos dos assuntos com relativa tranquilidade.

Princípio. Embora eu tivesse compreendido o Princípio da Descrença, inicialmente, as mudanças não foram significativas; pois ainda existia um forte ranço religioso impregnado nos meus pensenes.

Empolgação. Mesmo assim, a expectativa da transformação e a mudança efetiva trouxeram empolgação e eu divulgava as informações de modo entusiasta. Não percebia a presença do *loc* externo, mas compreendia a necessidade de autopesquisa.

Livro. O primeiro livro que li foi Mudar ou Mudar (GUZZI, 2000), trazendo-me a ideia sobre a autopesquisa, o esforço na vontade de mudar e aplicação de técnicas energéticas.

CIP. Após a conclusão do Curso Integrado de Projeciologia (CIP), em 2001, continuei na grade curricular, participando do curso Extensão em Conscienciologia e Projeciologia 1 (ECP1), Laboratório de Técnicas Projetivas, participei também do curso Conscienciograma na Prática, fui evoluciente em Consciencioterapia e aluna do curso Extensão em Conscienciologia e Projeciologia 2 (ECP2). Mais uma vez pensei em me voluntariar.

Conscienciograma. No período que antecedeu o curso Conscienciograma na Prática, vivenciei de modo lúcido a proximidade de uma consciex. Um dos professores viu a consciex e me perguntou se havia percebido, confirmei relatando que, enquanto estava fazendo alguns testes, a consciex acompanhava também. Tal episódio foi um dos momentos no qual experimentei o parapsiquismo, agora, sem medo.

Desassédio. As reciclagens existenciais e intraconscienciais tornavam-se intensamente mais necessárias, não percebia o quanto de desassédio mentalsomático era promovido nos cursos, quando decidi voluntariar, ou colaborar no IIPC, na mudança da sede da instituição de Ipanema para a Barra da Tijuca, no *Downtown*, Rio de Janeiro, RJ.

Voluntariado. Em fevereiro de 2002, comecei a voluntariar e considerei um evento marcante, pois me agradou o fato de atuar na recepção da organização sem fins de lucro.

Intensificação. O voluntariado trouxe intensificação das autopesquisas. Identifiquei traços-força e traços-fardo, percebendo tais traços em minhas manifestações e nas práticas de outros voluntários.

Escrita. Foi prazeroso escrever um artigo a respeito do trabalho voluntário, baseado em pesquisa que fiz entre os voluntários daquela organização. O artigo foi publicado no jornal IIPCNEWS (GRALHA, 2002).

Superações. Outras superações ocorreram, por exemplo o medo da autoexposição. Por isso, nas conversas entre amigos e parentes, solicitava a opinião alheia a respeito da imagem que eu passava para os outros.

Criticidade. Gradativamente, percebi o nível de acriticismo no qual me encontrava e como este nível me afetava no cotidiano. A necessidade de mudança era clara, no entanto os anos de medo à exposição, a autoimagem distorcida e o *loc* externo ainda predominavam. Era difícil não enxergar dogma no que era dito nos cursos. No entanto, os exercícios bioenergéticos promovidos nos cursos traziam-me gradativamente maior lucidez para a necessidade de ser mais crítica.

Relativismo. Esta relativa falta de autocrítica saudável era superada pela perseverança, neofilia, vontade de conhecer-me mais e saber como eu funcionava. De que modo os fatores externos podiam ter me influenciado e quais me levaram e ainda levam a fazer certas escolhas? Não alimentei as sensações discriminatórias por ser recém-maxidissidente. Abstraí aquela sensação e segui em frente na autopesquisa, no voluntariado.

Pesquisa. A autopesquisa contribui muito para a criticidade saudável. Ajuda-nos a avaliar onde estamos acertando mais e errando menos; contribuindo na ampliação do grau de autoconsciencialidade.

Traços. Superando um dos traços-fardo (medo da autoexposição) e utilizando um dos traços-força (coragem consciencial), apliquei a técnica da lista de traços, solicitando a pessoas, no IIPC, no trabalho e família, a descrição dos traços força e traços-fardo, antes, fazendo a minha própria lista. Essa técnica promoveu maior apropriação da própria realidade consciencial. Como funciono e o que estou deixando de fazer para o alinhamento consciencial. A consciencioterapia ou mesmo a terapia convencional contribuem muito no autoco-nhecimento.

Recéxis. A reciclagem existencial (recéxis) nasce da insatisfação perante a vida intrafísica, podendo desencadear a recin. Em vista disso, investi na pesquisa sobre preconceito, após projeção semilúcida durante o curso *Acoplamentarium* no Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC), porque intencionava reciclar esse traço-fardo. Esta pesquisa foi apresentada em seminário de autopesquisa, no IIPC Rio de Janeiro, em 2004.

Bagulhos energéticos. Durante participação no então recém-criado Curso de Projeciologia e Conscienciologia (CPC), interessei-me pelo assunto bagulhos energéticos. Entendi o quanto objetos podem influenciar no padrão energético de nosso meio ambiente principalmente o residencial, quando descartei roupas, livros e revistas que ainda mantinha, relacionados à prática religiosa. Queimei os livros e revistas, pois não queria doar nenhum livro ou revista que tivesse meu nome para fazerem *rapport*. Quanto às roupas, o padrão era mais suave, pois as usava em outras ocasiões.

Docência. A docência era o próximo desafio nesse rol de reciclagens, que foi possível devido à maxidissidência religiosa. Fui aprovada na segunda oportunidade que tive de realizar a prova. E isso trouxe nova sensação de autossuperação. Naquele momento, não havia somente o conhecimento, mas também a compreensão do crescimento consciencial na docência conscienciológica. Durante as aulas-treinamento, percebi aspectos da autoimagem muito enraizados. *Feedbacks* também chegavam fora das aulas-treinamento e enriqueciam o autoconhecimento.

Desafios. Desde janeiro de 2008, o exercício na docência conscienciológica me possibilitou gradativamente a autossuperação de alguns traços-fardo, sabotadores do crescimento consciencial e aplicação de traços-força, oportunidade para autoatualização e o reconhecimento dos padrões de assistência singulares a cada consciência, assistentes e assistidos, colocando-me desafios alcançáveis, por exemplo: docência itinerante.

Melancolia. Percebi, gradativamente, os momentos de tristeza e melancolia mais espaçados. Os momentos de tristeza duradoura, ou melancolia quase depressiva não existem mais em minha realidade e uma explicação é o fato de eu conseguir identificar quando ocorrem as assimilações simpáticas.

Superações. Atualmente (Ano-base: 2014), no final da formação em Psicologia, percebo-me Eu mesma, com relativa recuperação de cons. O reconhecimento da interdependência consciencial, o amadurecimento e a satisfação benévola são resultados de reciclagens lúcidas. Não provém de nenhuma entidade. Mérito do esforço pessoal e vontade de ser uma consciência melhor para contribuir na qualificação das energias do meio ambiente pessoal, intra e extrafísicamente.

Maxidissidência. Sem a maxidissidência, essas reciclagens e as superações não teriam acontecido. Possivelmente, eu estivesse mantendo série de automimeses dispensáveis, associadas a quadros de depressão.

Vantagem. Uma das vantagens tanto da maxidissidência quanto das reciclagens processadas até o momento é o autofortalecimento intraconsciencial. Desse modo, sinto estar me qualificando para o exercício da liderança interassistencial depois da dessoma.

III. CONCLUSÕES RELACIONADAS AO TRINÔMIO MAXIDISSIDÊNCIA IDEOLÓGICA–REICLAGENS–LIDERANÇA INTERASSISTENCIAL

Maxidissidência. A maxidissidência religiosa e o conseqüente conhecimento da Conscienciologia intensificaram as reciclagens inseridas na própria vida, de acordo com as escolhas pessoais.

Lado. O meu lado subutilizado veio à tona e passei a sentir-me bem por fazer o melhor por mim mesma, e, gradativamente, para outros, com motivação genuína e percebendo os entraves evolutivos.

Inércia. A saída da inércia evolutiva proporcionou-me a busca por novos conhecimentos, bem como, a ampliação das experiências saudáveis para fazer mudanças efetivas e fundamentadas.

Oportunidade. Praticar a técnica da recéxis, sem medo de errar, é oportunidade ímpar, sem igual. É sair da cultura do sofrimento, das vitimizações. É a saída do egoísmo para atuar na condição de minipeça de um maximecanismo, além de oportunizar a diminuição gradativa de momentos melancólicos e depressivos pela atuação em autoproyetos interassistenciais, dentre eles a autoqualificação na vida humana atual para o exercício da liderança interassistencial após a dessoma.

Lucidez. Perceber os traços-força, sonogados pelo ensino da imperfeição herdada, passou a fazer parte de minha realidade promovendo reciclagens intraconscienciais e existenciais. É um exercício contínuo.

Heteroassistência. De acordo com o exposto, a autoassistência relacionada com a maxidissidência e as reciclagens (recéxis e recins) passaram a gerar heteroassistência, por meio da minha atuação mais concreta na tarefa do esclarecimento.

Evolução. A evolução é contínua e sempre proporciona novos desafios, dentre eles, o trabalho na liderança interassistencial na pré-intermissão, aqui considerado nos seis itens expostos a seguir:

1. **Acolhimento extrafísico.** Acolher as consciências extrafísicas em sofrimento, ouvir solidariamente e esclarecer os possíveis aspectos que a deixaram na atual condição.

2. **Aprender a ser autoimperdoador e heteroperdoador.** O exercício constante para fazer o melhor para todos elimina gradualmente as fissuras e microfissuras multiveiculares, processo que leva vidas intrafísicas. Não é fácil, pois o vai-e-vem dos enganos surgem para nos ajudar na autoavaliação dessas falhas naturais. Esse exercício contribui para o reencontro com consciências a serem resgatadas com as mesmas características superadas do autopesquisador ou em processo de superação.

3. **Loc Interno.** Atenção à sensibilidade bioenergética. O que faço e penso traz benefícios evolutivos?

4. **Reconhecimento, sem culpa, dos tráfes.** Identificar e reconhecer os traços-fardo significa reconhecer as limitações pessoais para planejamento dos projetos pessoais de acordo com estas limitações. O reconhecimento dos tráfes não deve ser o mecanismo de defesa ou fator para autocorruptões.

5. **Reconhecimento dos trafores.** Reconhecer nossas características positivas é a alavanca consciencial. Esta postura é pró-evolutiva.

6. **Resgate extrafísico.** O autoexemplo produtivo demonstra que é possível melhorar sem culpa. Portanto, o autoexemplo pode ser o espelho para a consciência a ser resgatada.

Autoimagem. A autoimagem real torna-se cada vez mais autêntica através de ininterrupta autopesquisa e autoatualização. Favorece maior *rapport* com a autorrealidade durante os resgates extrafísicos.

REFERÊNCIAS

1. **Gralha**, Rosemary Oliveira Sobrinho; *O que é Ser Voluntário?*; IIPCNEWS; Artigo; Tabloide; Trimestral; Ano 4; N. 14; 1 enu.; 4 fotos; 4 refs.; Rio de Janeiro, RJ; agosto-novembro, 2002; página 2.
2. **Guzzi**, Flavia; *Mudar ou Mudar: Relatos de Uma Reciclante Existencial*; Pref. Málu Balona; 222 p.; 14 caps.; 15 enus.; entrevista; glos.; 300 termos; 20 refs.; alf.; br.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 2000.
3. **Vieira**, Waldo; *Homo sapiens pacíficus*; 1.584 p.; 413 caps.; 403 abrevs.; 434 enus.; 37 ilus.; 7 índices; 240 sinopses; glos. 241 termos; 9.625 refs.; alf.; geo.; ono.; 29 x 21,5 x 7 cm; enc.; 3ª Ed. Gratuita; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2007; página 26.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

1. **Luz**, Marcelo da; *Onde a Religião Termina?*; Pref. Waldo Vieira; revisores Erotides Louly; Helena Araujo & Valana Ferreira; 486 p.; 5 seções; 17 caps.; 12 documentários & minisséries; 17 E-mails; 33 enus.; 149 estrangeirismos; 22 filmes; 1 foto; 79 infográficos; 1 microbiografia; 15 siglas; 2 tabs.; 16 websites; 571 refs.; 2 apênds.; alf.; geo.; ono.; enc.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2011.
2. **Vicenzi**, Luciano; *Coragem Para Evoluir*; pref. Málu Balona; 188 p.; 8 caps.; 50 refs.; glos; 29 termos; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 2001.
3. **Vieira**, Waldo; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência fora do Corpo Humano*; 1.248 p.; 525 caps.; 150 abrevs.; glos. 300 termos; 43 ilus.; 5 índices; 2.041 refs.; 1 sinopse; alf.; geo.; ono.; 27 x 21 x 7 cm, enc.; 4ª. Ed. revisada e ampliada; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 1999.
4. **Idem**; *700 Experimentos da Conscienciologia*; 1.058 p.; 700 caps.; 300 testes; 8 índices; 2 tabs; 600 enus.; ono.; 5.116 refs.; geo.; gloss.; 200 termos; 147 abrev.; alf.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; Rio de Janeiro, RJ; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); 1994.

